

Excertos adaptados

O tamagochi e o cuidado

A sociedade contemporânea, chamada sociedade do conhecimento e da comunicação, está cada vez mais a criar, contraditoriamente, incomunicação e solidão entre as pessoas. A Internet pode conectar-nos com milhões de pessoas sem precisarmos de encontrar alguém. Pode-se comprar, pagar as contas, trabalhar, pedir comida, assistir a um filme, sem se falar com ninguém. Para viajar, conhecer países, visitar pinacotecas, não precisamos de sair de casa. Tudo vem a nossa casa via *on line*.

A relação com a realidade concreta, com os seus cheiros, cores, frios, calores, pesos, resistências e contradições, é mediada pela imagem virtual, que é somente imagem. O pé já não sente o macio da relva verde. A mão já não pega num punhado de terra escura. O mundo virtual criou um novo habitat para o ser humano, caracterizado pelo encapsulamento sobre si mesmo e pela falta do toque, do tacto e do contacto humano.

Essa anti-realidade afecta a vida humana naquilo que ela possui de mais fundamental: o *cuidado* e a com-paixão. Mitos antigos e pensadores contemporâneos dos mais profundos ensinam-nos que a essência humana não se encontra tanto na inteligência, na liberdade ou na criatividade, mas basicamente no *cuidado*. O *cuidado* é, na verdade, o suporte real da criatividade, da liberdade e da inteligência. No *cuidado* encontra-se o *ethos* fundamental do humano. Quer dizer, no *cuidado* identificamos os princípios, os valores e as atitudes que fazem da vida um *bem-viver* e das acções um *recto agir*.

O tipo de sociedade do conhecimento e da comunicação que temos desenvolvido nas últimas décadas ameaça a essência humana. Porventura, não ignorou ela as pessoas concretas com as feições dos seus rostos, com o desenho das suas mãos, com a irradiação da sua presença, com as suas biografias marcadas por buscas, lutas, perplexidades, fracassos e conquistas? Não colocou sob suspeita e até difamou como obstáculo ao conhecimento objectivo, o *cuidado*, a sensibilidade e o enternecimento, realidades tão necessárias, sem as quais ninguém vive e sobrevive com sentido? Na

medida em que avança tecnologicamente na produção e serviço de bens materiais, será que não produz mais empobrecidos e excluídos, quase dois terços da humanidade, condenados a morrer antes do tempo?

A nossa meditação procura denunciar semelhante desvio. Ousamos apresentar caminhos de cura e de resgate da essência humana, que passam todos pelo *cuidado*.

Alimentamos a profunda convicção de que o *cuidado*, pelo facto de ser essencial, não pode ser suprimido nem ignorado. Ele vinga-se e irrompe sempre por algumas brechas da vida. Se assim não fosse, repetimos, não seria essencial. Onde é que o *cuidado* aparece na nossa sociedade? Em algo de muito vulgar, de quase ridículo, mas extremamente indicativo: no *tamagochi*.

O que é o *tamagochi*? É uma invenção japonesa dos inícios de 1997. Um porta-chaves electrónico, com três botões abaixo do écran de cristal, que alberga dentro de si um bichinho de estimação virtual. O bichinho tem fome, come, dorme, cresce, brinca, chora, fica doente e pode morrer. Tudo depende do *cuidado* que recebe ou não do seu dono ou dona. O *tamagochi* dá muito trabalho. Como uma criança, a todo momento deve ser objecto de *cuidado*; caso contrário, reclama com o seu *bip*; se não for atendido, corre risco. E quem é tão sem coração a ponto de deixar um bichinho de estimação morrer? O brinquedo transformou-se numa mania e tem mudado a rotina de muitas crianças, jovens e adultos, que se empenham em cuidar do *tamagochi*, dar-lhe de comer, deixá-lo descansar e fazê-lo dormir. O *cuidado* faz até o milagre de o ressuscitar, caso tenha morrido por falta de atenção e de *cuidado*.

Bem disse um perspicaz cronista carioca: “Solidão, o seu cognome é *tamagochi*”. O *cuidado* pelo bichinho de estimação virtual denuncia a solidão em que vive o homem/a mulher da sociedade da comunicação nascente. Mas anuncia também que, apesar da desumanização de grande parte da nossa cultura, a essência humana não se perdeu. Ela está aí na forma do *cuidado*, transferido para um aparelho electrónico, em vez de ser investido nas pessoas concretas à nossa volta: na avó doente, num colega de escola deficiente físico, num menino ou menina da rua, no velhinho que vende o pão matinal, nos pobres e marginalizados das nossas cidades ou até mesmo num bichinho vivo de estimação, seja um hamster, um papagaio, um gato ou um cachorro.

O *cuidado* serve de crítica à nossa civilização agonizante e também de princípio inspirador de um novo paradigma de convivialidade. É o que vamos propor no presente livro.

Sonhamos com um mundo ainda por vir, onde não vamos precisar mais de aparelhos electrónicos com seres virtuais para superar a nossa solidão e realizar a nossa essência humana de *cuidado* e de gentileza. Sonhamos com uma sociedade mundializada, na grande casa comum, a Terra, onde os valores estruturantes se construirão em redor do *cuidado* com as pessoas, sobretudo com os culturalmente diferentes, com os penalizados pela natureza ou pela história. *Cuidado* com os espoliados e excluídos, as crianças, os velhos, os moribundos, *cuidado* com a nossa grande e generosa Mãe, a Terra. Sonhamos com o *cuidado* assumido como o *ethos* fundamental humano e como compaixão imprescindível para com todos os seres da criação.

Por toda a parte surgem sintomas que sinalizam grandes devastações no planeta Terra e na humanidade. O projecto de crescimento material ilimitado, mundialmente integrado, sacrifica 2/3 da humanidade, extenua recursos da Terra e compromete o futuro das gerações vindouras. Encontramo-nos no limiar de bifurcações fenomenais. Qual é o limite de suportabilidade do super-organismo Terra? Estamos a rumar na direcção de uma civilização do caos?

Na sua biografia, a terra conheceu cataclismos inimagináveis mas sempre sobreviveu. Sempre salvaguardou o princípio da vida e da sua diversidade. Supomos que agora não será diferente. Há hipóteses de salvação. Mas, para isso, devemos percorrer um longo caminho de conversão dos nossos hábitos quotidianos e políticos, privados e públicos, culturais e espirituais. A degradação crescente da nossa casa comum, a Terra, denuncia a nossa crise de adolescência. Importa que entremos na idade madura e mostremos sinais de sabedoria. Sem isso, não garantiremos um futuro promissor.

Formalizando a questão, podemos dizer: mais do que o fim do mundo, estamos a assistir ao fim de um *tipo* de mundo. Enfrentamos uma crise civilizacional generalizada. Precisamos de um novo paradigma de convivência que funde uma relação mais benfazeja para com a Terra e inaugure um novo pacto social entre os povos, no sentido do respeito e da preservação de tudo o que existe e vive. Só a partir desta

mutação, faz sentido pensarmos em alternativas que representem uma nova esperança.

Sintomas da crise civilizacional

O sintoma mais doloroso, já constatado há décadas por analistas e pensadores contemporâneos, é um difuso mal-estar da civilização. Aparece sob o fenómeno do descuido, da falta de atenção e do abandono, numa palavra, da falta de *cuidado*.

— Há um descuido e uma falta de atenção pela vida inocente de crianças, usadas como combustível na produção para o mercado mundial. Os dados da Organização Mundial da Infância de 1998 são aterradores: 250 milhões de crianças trabalham. Na América Latina 3 em cada 5 crianças trabalham. Na África, 1 em cada 3. E na Ásia 1 em cada 2. São pequenos escravos a quem se nega a infância, a inocência e o sonho. Não causa admiração se são assassinadas por esquadrões de extermínio nas grandes metrópoles da América Latina e da Ásia.

— Há um descuido e uma ignorância manifestos em relação ao destino dos pobres e marginalizados da humanidade, flagelados pela fome crónica, mal sobrevivendo à atribulação de mil doenças, outrora erradicadas e surgindo actualmente com redobrada virulência.

— Há um descuido e um descaso imensos quanto à sorte dos desempregados e aposentados, sobretudo dos milhões e milhões de excluídos do processo de produção, tidos como descartáveis e zeros económicos. Esses nem sequer ingressam no exército de reserva do capital. Perderam o privilégio de serem explorados a preço de um salário mínimo e de alguma segurança social.

— Há um descuido e um abandono dos sonhos de generosidade, agravados pela hegemonia do neoliberalismo, com o individualismo e a exaltação da propriedade privada que tal comporta. Menospreza-se a tradição da solidariedade. Faz-se pouco dos ideais de liberdade e de dignidade para todos os seres humanos.

— Há um descuido e um abandono crescente da sociabilidade nas cidades. A maioria dos habitantes sentem-se desenraizados culturalmente e alienados socialmente. Predomina a sociedade do espectáculo, do simulacro e do entretenimento.

— Há um descuido e uma falta de atenção pela coisa pública. Organizam-se políticas pobres para os pobres; os investimentos sociais em segurança alimentar, saúde, educação e habitação são, em geral, insuficientes. Há um descuido vergonhoso pelo nível moral da vida pública, marcada pela corrupção e pelo jogo explícito de poder de grupos que chafurdam no pantanal de interesses corporativos.

— Há um abandono da reverência, indispensável para cuidar da vida e da sua fragilidade. A continuar este processo, até meados do século XXI terão desaparecido definitivamente mais de metade das espécies animais e vegetais actualmente existentes. É o que nos informa o conceituado e recente relatório sobre o estado da Terra (*The State of Environment Atlas*) dos Estados Unidos. Com eles desaparece uma biblioteca de conhecimentos acumulados pelo universo no decurso de 15 biliões de anos de penoso trabalho evolutivo.

— Há um descuido e uma falta de atenção na salvaguarda da nossa casa comum, o planeta Terra. Os solos são envenenados, os ares são contaminados, as águas são poluídas, as florestas são dizimadas, as espécies de seres vivos são exterminadas; um manto de injustiça e de violência pesa sobre dois terços da humanidade. Um princípio de autodestruição está em acção, capaz de liquidar o subtil equilíbrio físico-químico e ecológico do planeta e de devastar a biosfera.

— Há descuido e falta de atenção generalizada na forma como se organiza a habitação, pensada para famílias minúsculas, obrigadas a viver em habitações insalubres. Milhões e milhões são condenados a viver em bairros de lata e bairros sociais sem qualquer qualidade de vida, sob a permanente ameaça de aluimentos de terra, que fazem em cada ano milhares de vítimas. As formas de vestir de estratos importantes da juventude revelam decadência dos gostos e dos costumes. Recorre-se frequentemente à violência para resolver conflitos interpessoais e institucionais, normalmente superáveis mediante o diálogo e a mútua compreensão. Atulhados de aparatos tecnológicos, vivemos tempos de impiedade e de insensatez. Sob certos aspectos, regredimos à barbárie mais atroz.

Figuras exemplares de cuidado

O modo-de-ser *cuidado* só convence verdadeiramente quando se transforma em saga na biografia de pessoas e modela situações existenciais.

O cuidado das nossas mães e avós

Existem figuras que concentram e irradiam *cuidado* de maneira privilegiada: as nossas mães e as mães das nossas mães, as nossas avós. Não precisamos de pormenorizar essa experiência. Ela é fundamental em cada pessoa, pois o primeiro continente que a criança conhece é a sua própria mãe. Ser mãe é mais do que uma função; é um modo-de-ser que engloba todas as dimensões da mulher-mãe, o seu corpo, a sua psique e o seu espírito. Com o seu *cuidado* e carinho, a mãe continua a gerar os filhos e as filhas durante toda a vida. Mesmo que tenham morrido, sempre permanecerão no seu coração materno. Nos momentos de perigo, são invocadas como referência de confiança e de salvação. É através das mães que cada um aprende a ser mãe de si mesmo, na medida em que aprende a aceitar-se, a perdoar as próprias fraquezas e a alimentar o sonho de um grande útero acolhedor de todos. Representam também o modo de ser mãe as educadoras e os educadores que se devotam ao crescimento humano, mental e espiritual dos educandos, as enfermeiras que cuidam dos seus doentes e tantas outras pessoas que anonimamente se desvelam no *cuidado* de alguém.

Jesus, um ser de cuidado

Jesus de Nazaré, ao lado de Buda, é uma das figuras religiosas que mais encarnam o modo-de-ser- *cuidado*. Revelou à humanidade o Deus-*cuidado*, experimentando Deus como Pai e Mãe divinos que cuidam de cada cabelo da nossa cabeça, da comida dos pássaros, do sol e da chuva para todos (cf. Mt 5,45; Lc 21,18). Jesus mostrou *cuidado* especial com os pobres, os famintos, os discriminados e os doentes. Enchia-se de compaixão e curava a muitos. Facto inusitado para a época, associou a si várias mulheres como discípulas (Lc 8,2-3). Cultivou um amor terno para com as amigas Marta e Maria (Jo 11,20-28; Lc 10,38-42).

Fez da misericórdia a chave da sua ética. É pela misericórdia que os seres humanos chegam ao Reino da Vida; sem a misericórdia, não há salvação para ninguém (Mt 25,36-41). As parábolas do bom samaritano que mostra compaixão pelo caído na estrada (Lc 10,30-37) e a do filho pródigo acolhido e perdoado pelo pai (Lc 15,11-32) são expressões exemplares de *cuidado* e de plena humanidade.

Morrendo na cruz, cuida dos ladrões crucificados ao seu lado e cuida de sua mãe, entregando-a aos *cuidados* do discípulo predilecto João (Jo 19,26-27). Jesus foi um ser de *cuidado*. O evangelista Marcos diz com extrema finura: “Ele fez bem todas as coisas; fez surdos ouvir e mudos falar.” (Mc 7,37). Teve *cuidado* com a vida integral.

Francisco de Assis: a fraternidade do irmão universal

Na tradição ocidental, Francisco de Assis (1182-1226) é visto como uma figura exemplar de grande irradiação. Tudo na sua vida vem urdido de extremo *cuidado* com a natureza, os animais, as aves e plantas, os pobres e especialmente com a sua amiga e cúmplice, Clara de Assis. Com fina percepção, sentia o laço de fraternidade e de irmandade que nos une a todos os seres. Ternamente, chama a todos irmãos e irmãs: o Sol, a Lua, as formigas e o lobo de Gubbio. As coisas têm coração. Ele sentia o seu pulsar e nutria veneração e respeito por cada ser, por menor que fosse. Nas hortas, também as ervas daninhas tinham o seu lugar, pois, à sua maneira, elas louvam o Criador.

Os biógrafos do tempo, como os co-irmãos Tomás de Celano e São Boaventura, testemunham o impacto de tanta suavidade. Afirmam que Francisco “resgatou a inocência original”, que “é o homem novo, dado ao mundo pelo céu” e que, finalmente, representa “o evangelista dos novos tempos”. Efectivamente, face às demandas da nossa cultura ecológica mundial, reconhecemos a sua grande actualidade. Somos velhos, ainda aferrados ao modo-de-ser do trabalho-dominância-agressão da natureza. São Francisco, no entanto, é verdadeiramente alternativo pelo seu radical modo de ser- *cuidado* com respeito, veneração e fraternidade para com todas as coisas.

Num pergaminho do convento do Monte Alverne, onde recebeu no seu corpo os sagrados estigmas, conservou-se o seu último adeus às criaturas. Estava extremamente doente e prestes a morrer. Despede-se de Frei Maseo, do irmão rochedo e do irmão falcão. Por fim diz: “Io mi parto da voi con la persona, ma vi lascio il mio cuore”, quer dizer, “eu me aparto de vós como pessoa, mas deixo-vos o meu coração.” Com efeito, o coração de Francisco significa um estilo de vida, a expressão genial do *cuidado*, uma prática de confraternização e um renovado encantamento pelo mundo. Recriar esse coração nas pessoas e resgatar a *cordialidade* (*cor* coração em latim) nas relações poderá suscitar no mundo actual o mesmo fascínio pela sinfonia do universo e o mesmo *cuidado* com a irmã e mãe Terra, como foi paradigmaticamente vivido por S. Francisco.

Madre Teresa de Calcutá: o princípio misericórdia

Com certeza um dos arquétipos vivos do *cuidado* essencial é a religiosa católica Madre Teresa de Calcutá (1910-1997). Nascida na Albânia, trabalhou a partir de 1928 na Índia como missionária e professora num semi-internato. Tudo corria no ritmo normal de uma escola, quando, em 1946, viajando de comboio, disse ter escutado uma voz clara que lhe ordenava deixar o convento para ajudar os pobres, vivendo no meio deles. Entendeu-a como chamamento divino. Efectivamente, aos 38 anos de idade, saiu do mosteiro, trocou o seu pesado hábito negro por um prático e barato sari de algodão. Foi morar na periferia miserável de Calcutá, num casebre, vivendo à base de arroz e sal como os pobres, servindo os pobres. À medida que foram chegando seguidoras, fundou a Ordem das Missionárias da Caridade. Além dos três votos de pobreza, obediência e castidade, ela impôs-se um quarto: “Dedicar-se de todo coração e livremente ao serviço dos mais pobres dos pobres.”

Em Calcutá há milhares e milhares de miseráveis que nascem, vivem e morrem na rua. Madre Teresa cuidou logo de fundar a Casa dos Moribundos. Recolhia-os das ruas e levava-os para que pudessem morrer com dignidade. Começava assim uma obra de compaixão e misericórdia que se estendeu por muitas cidades da Índia, do Paquistão e de outros países, sempre com o fito de conferir dignidade e humanidade aos que iam morrendo.

A Ordem das Missionárias da Caridade cultivava um carisma, ligado directamente à ternura vital, o carisma de tocar as pessoas na sua pele, nos seus corpos e nas suas chagas. “Toca-os, lava-os, alimenta-os”, insistia Madre Teresa com as suas irmãs e os muitos voluntários que de todo o mundo acorriam para ajudar em suas obras. Outras vezes dizia: “Dá Cristo ao mundo, não o mantenha para ti mesma e, ao fazê-lo, usa as tuas mãos.” A sua biógrafa, Anne Sebba, comenta: “A capacidade de tocar, com as suas implicações mais amplas, é especialmente importante na Índia, onde o conceito de “intocabilidade” é tão real; este é o verdadeiro espírito missionário em acção; é mais importante tocar que curar.” A mão que toca, cura porque leva carícia, devolve confiança, oferece acolhimento e manifesta *cuidado*. A mão faz nascer a essência humana naqueles que são tocados.

Em 1979 ganhou o Prémio Nobel da Paz. Deu-lhe o verdadeiro sentido: “Aceito o prémio em nome dos pobres... O prémio é um reconhecimento do mundo dos pobres.”

Mahatma Gandhi: a política como *cuidado* com o povo

Uma figura que impressionou todo o século XX é seguramente Gandhi (1869-1948). Nascido na Índia, formou-se em Direito em Londres e trabalhou por mais de 20 anos na África do Sul (1893--1915) defendendo os imigrantes indianos, vítimas da segregação racial. Em África, entrou em contacto com os ideais anunciados pelo grande escritor russo, Leon Tolstói (1883-1945), autor dos famosos romances *Guerra e Paz* e *Anna Karenina*. Este via a essência da mensagem de Jesus no Sermão da Montanha, no amor, na recusa de toda a violência, na veneração aos pobres e no compromisso com uma vida simples. Tais ideias impressionaram profundamente Gandhi e ajudaram-no a formular a sua própria visão da não-violência e da actuação política como *cuidado* com o povo. Chegou a fundar uma comunidade rural “Tolstói”, onde tentou viver esses ideais com outros amigos.

De volta à Índia, entregou-se à tarefa de organizar o povo contra a dominação inglesa. Começou por pregar o boicote aos produtos ingleses, especialmente aos tecidos. Incentivou o retomar da tradição familiar de tecer as roupas em casa. Convocou à desobediência civil. Foi preso inúmeras vezes. Famosa ficou a Marcha para o Mar em 1930. Por um decreto dos colonizadores, os indianos não poderiam comprar sal, a não

ser aquele monopolizado pelos ingleses. Gandhi mobilizou milhares e milhares de pessoas que caminharam em direcção ao mar, para dele extrair o sal de que precisavam. Foi preso, mas conseguiu a libertação completa do sal.

Gandhi definia a política como “um gesto amoroso para com o povo”. Por outras palavras, política como *cuidado* com o bem-estar de todos e ternura essencial para com os pobres. Ele mesmo confessa: “Entrei na política por amor à vida dos fracos; morei com os pobres, recebi os párias como hóspedes, lutei para que tivessem direitos políticos iguais aos nossos, desafiei os reis, esqueci-me das vezes em que estive preso.”

Dois princípios básicos norteavam a sua prática: a força da verdade (*satiagra*) e a não-violência activa (*ahimsa*). Acreditava profundamente que a verdade possui em si uma força invencível contra a qual são inócuas as manipulações, as violências, as armas e as prisões. Tinha profunda convicção de que, por detrás dos conflitos, existe uma verdade latente a ser identificada. A função do político é crer nesta verdade, trazê-la à tona para todos e agir em coerência com ela, mostrando-se disposto a suportar os sacrifícios que tal postura comporta. Acreditava firmemente que a verdade, embora tardia, sempre venceria.

A crença na força da verdade levou-o à não-violência activa (*ahimsa*), que não significa cruzar os braços, mas usar todos os meios pacíficos para alcançar os objectivos almejados. Importa que os meios e os fins tenham a mesma natureza. Fins bons requerem meios bons. Pratica-se a não-violência activa, por exemplo, ocupando ruas, organizando manifestações multitudinárias, fazendo jejuns e preces, e oferecendo o próprio corpo para deter a violência.

Gandhi elaborou um pequeno credo em forma de oração, recitado todos os dias: “Não terei medo de ninguém sobre a terra. Temerei apenas a Deus. Não terei má vontade para com ninguém. Não aceitarei injustiças de ninguém. Vencerei a mentira pela verdade. E, na minha resistência à mentira, aceitarei qualquer tipo de sofrimento.”

Gandhi era profundamente religioso. Conhecia o cristianismo a fundo e tinha grande veneração por Jesus. Mas continuou na sua religião indiana, pois acreditava que todas as religiões, no seu coração, captam e expressam a mesma verdade divina. Tinha profunda convicção de que a prece e o jejum podiam modificar situações políticas. Por

isso, sempre que havia algum impasse político maior, punha-se em prece e jejum por semanas. Convocava as multidões a praticar o mesmo. Fazia tremer o Império Britânico e demovia as forças contrárias.

Possuía um profundo *cuidado* para com todos os seres. Como um mandamento pregava: “Amarás a mais insignificante das criaturas como a ti mesmo. Quem não fizer isto jamais verá a Deus face a face.”

Conclusão

O cuidado e o futuro dos espoliados e da Terra

A categoria *cuidado* mostrou-se a chave decifradora da essência humana. O ser humano possui transcendência e por isso viola todos os tabus, ultrapassa todas as barreiras e contenta-se apenas com o infinito. Ele possui algo de Júpiter dentro de si; não sem razão, pois dele recebeu o espírito.

O ser humano possui imanência e por isso se encontra situado num planeta, enraizado num local e plasmado dentro das possibilidades do espaço-tempo. Ele tem algo da Tellus/Terra dentro de si; é feito de húmus, donde deriva a palavra “homem”.

O ser humano encontra-se sob a regência do tempo. Este não significa um puro correr, vazio de conteúdos. O tempo é histórico, feito pela saga do universo, pela prática humana, especialmente pela luta dos oprimidos, em busca da sua vida e libertação. Constrói-se passo a passo; por isso, é sempre concreto, concretíssimo. Mas, simultaneamente, o tempo implica um horizonte utópico, promessa de uma plenitude futura para o ser humano, para os excluídos e para o cosmos. Somente buscando o impossível se consegue realizar o possível. Em razão dessa dinâmica, o ser humano possui algo de Saturno, senhor do tempo e da utopia.

Mas não basta suster tais determinações. Elas, na verdade, dilaceram o ser humano. Colocam-no distendido e crucificado entre o céu e a terra, entre o presente e o futuro, entre a injustiça e a luta pela liberdade.

Que alquimia forjará o elo entre Júpiter, Tellus/Terra e Saturno? Que energia articulará a transcendência e a imanência, a história e a utopia, a luta pela justiça e a paz, para que construam o humano plenamente?

É o *cuidado* que enlaça todas as coisas; é o *cuidado* que traz o céu para dentro da terra e coloca a terra dentro do céu; é o *cuidado* que fornece o elo de passagem da transcendência para a imanência, da imanência para a transcendência e da história para a utopia. É o *cuidado* que confere força para buscar a paz no meio dos conflitos de toda a ordem. Sem o *cuidado* que resgata a dignidade da humanidade condenada à exclusão, não se inaugurará um novo paradigma de convivência.

O *cuidado* é anterior ao espírito (Júpiter) e ao corpo (Tellus). O espírito humaniza-se e o corpo vivifica-se quando são moldados pelo *cuidado*. Caso contrário, o espírito perde-se nas abstrações e o corpo confunde-se com a matéria informe. O *cuidado* faz com que o espírito dê forma a um corpo concreto, dentro do tempo, aberto à história e dimensionado para a utopia (Saturno). É o *cuidado* que permite a revolução da ternura, ao tornar prioritário o social sobre o individual e ao orientar o desenvolvimento para a melhoria da qualidade de vida dos humanos e de outros organismos vivos. O *cuidado* faz surgir o ser humano complexo, sensível, solidário, cordial, conectado com tudo e com todos no universo.

O *cuidado* imprimiu a sua marca registada em cada porção, em cada dimensão e em cada dobra escondida do ser humano. Sem o *cuidado* o humano far-se-ia inumano.

Tudo o que vive precisa de ser alimentado. Assim, o *cuidado*, a essência da vida humana, precisa também de ser continuamente alimentado. As ressonâncias do *cuidado* são a sua manifestação concreta nos vários aspectos da existência e, ao mesmo tempo, o seu alimento indispensável. O *cuidado* vive do amor primordial, da ternura, da carícia, da compaixão, da convivialidade, da medida justa em todas as coisas. Sem *cuidado*, o ser humano, como um *tamagochi*, definha e morre.

Hoje, na crise do projecto humano, sentimos a falta clamorosa de *cuidado* em toda a parte. As suas ressonâncias negativas evidenciam-se pela má qualidade da vida, pela penalização da maioria empobrecida da humanidade, pela degradação ecológica e pela exaltação exacerbada da violência.

Não busquemos o caminho da cura fora do ser humano. O *ethos* está no próprio ser humano, entendido na sua plenitude que inclui o infinito. Ele precisa de se voltar para si mesmo e de redescobrir a sua essência, que se encontra no *cuidado*. Que o *cuidado* aflore em todos os âmbitos, que penetre na atmosfera humana e que prevaleça em todas as relações! O *cuidado* salvará a vida, fará justiça ao empobrecido e resgatará a Terra como pátria e mátria de todos nós.